



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

JOSEFA CÂNDIDO DE SOUSA

**UM ESTUDO SOBRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NO MUNICÍPIO DE
SANTA HELENA - PB**

SOUSA - PB

2014

JOSEFA CÂNDIDO DE SOUSA

**UM ESTUDO SOBRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NO MUNICÍPIO DE
SANTA HELENA - PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Orientadora: Professora Rosimar Socorro Silva Miranda

SOUSA - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S725u Sousa, Josefa Cândido de
Um estudo sobre gravidez na adolescência no município de Santa Helena - PB [manuscrito] / Josefa Cândido de Sousa. - 2014. 47 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Rosimar Socorro da Silva Miranda, Departamento de UEPB".

1. Gravidez na adolescência. 2. Educação sexual. 3. Orientação Sexual. I. Título.

21. ed. CDD 372.372

JOSEFA CÂNDIDO DE SOUSA

**UM ESTUDO SOBRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NO MUNICÍPIO DE
SANTA HELENA - PB**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 19/07/2014

Rosimar Socorro Silva Miranda

Prof^ª. Esp. Rosimar Socorro Silva Miranda/UEPB
Orientadora

Ada Keesa Guedes Bezerra

Prof^ª. M^ª. Ada Keesa Guedes Bezerra /UEPB
Examinadora

Ariane Benício

Prof^ª. M^ª. Ariane Kercia Benício de Sá Barreto /UEPB

Examinadora

RESUMO

A sexualidade, historicamente, esteve envolta em grandes polêmicas na sociedade. Atualmente, apesar das mudanças sócio culturais, as questões sobre sexo e sexualidade são focadas na adolescência, porém são abordadas de forma informativa o que leva a defasagem dos estudantes quanto a orientação sexual, e, conseqüentemente a uma vida sexual ativa sem as devidas responsabilizações e os cuidados contraceptivos pertinentes ao seu desenvolvimento. Os meios de comunicação representam, hoje, ao lado da família e da escola outro espaço de aprendizagem, porém numa perspectiva de aprendizagem informal que atende as ideologias vigentes. As crianças e adolescentes diante dos estímulos, valores, crenças e costumes originários nesses novos espaços, precisam ser orientados para um pensamento crítico numa área tão minada de desinformações e contradições. Diante disso, e partindo do pressuposto de que a escola tem uma função complementar de educar os jovens em sua plenitude, surgiu a necessidade da realização da pesquisa exposta, que foi realizada no ano de 2013, numa escola de Ensino Fundamental do Município de Santa Helena – PB, de ensino médio com o objetivo de analisar o nível de informação que os adolescentes entre 12 e 15 anos têm sobre as conseqüências da gravidez precoce. Os dados indicam que os adolescentes têm bastante curiosidade em assuntos referentes à sexualidade, pois estão em busca de definir a própria identidade sexual, bem como quanto às questões inerentes a gravidez precoce. A identificação de situações-problema, bem como o planejamento apropriado do ensino de educação sexual, poderão contribuir para atender aos interesses e necessidades dos adolescentes, tornando-os capazes de conceber a sexualidade como saudável e inerente à própria vida. A pesquisa foi desenvolvida na forma de pesquisa analítica e através da observação do comportamento social da população em questão à luz dos teóricos Egypto (2003), TIBA (1985), VITIELLO (1988) PIAGET (1977), FREUD (1958), DIAS (2000).

PALAVRAS-CHAVE: Gravidez na adolescência. Escola. Orientação sexual.

ABSTRACT

Sexuality has historically been shrouded in major controversy in the society. Currently, despite the socio-cultural changes, questions about sex and sexuality are focused on adolescence, but are addressed in an informative way which leads to lag students about sexual orientation, and consequently to an active sex life without proper accountabilities and relevant to its development contraceptive care. The media represent, today, along with the family and school learning space to another, but from the perspective of informal learning that meets current ideologies. Children and adolescents before the stimuli, values, beliefs and customs originating in these new spaces, need to be targeted to critical thinking in an area mined as of misinformation and contradictions. Given this, and assuming that the school has a complementary role to educate young people in its fullness, the need of performing the exposed survey, which was conducted in 2013, a school of Elementary Education of the City of Helena - PB, secondary schools with the aim of analyzing the level of information that adolescents between 12 and 15 years have about the consequences of teen pregnancy. The data indicate that adolescents have enough curiosity in matters concerning sexuality because they are seeking to define sexual identity, as well as issues related to early pregnancy. The identification of problem situations, as well as proper planning of the teaching of sex education can contribute to address the interests and needs of adolescents, making them capable of conceiving sexuality as healthy and inherent to life itself. The research was conducted in the form of analytical research and by observing the social behavior of the population in question in the light of theoretical Egypto (2003), TIBA (1985), VITIELLO (1988) Piaget (1977), Freud (1958), DAYS (2000).

KEYWORDS: Pregnancy in adolescence. School. Sexual orientation.

Dedico esta monografia ao meu esposo, minha filha Vitória e demais familiares.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida.

Aos professores e aos amigos que me apoiaram durante esta caminhada.

“O fruto do amor é o serviço, que é a compaixão em ação”.

(Madre Teresa de Calcutá).

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A ADOLESCÊNCIA: MUDANÇAS FÍSICAS E PSICOLÓGICAS.....	13
2.1 Conhecendo a Adolescência no Mundo e no Brasil	14
2.2 As Fases do Desenvolvimento Psicosssexual na Perspectiva Freudiana	16
3 A SEXUALIDADE E A ADOLESCÊNCIA.....	20
3.1 Discutindo Conceitos	20
4 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA	25
5 RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA.....	32
6. CONSIDRAÇÕES FINAIS.....	35
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38
APÊNDICES	40

1. INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea vive um período de enfrentamento de diversos desafios nos mais variados setores, destacando: político, educacional, social, econômico, de identidade sexual, dentre outros. O processo ensino/aprendizagem visa à formação integral do indivíduo nos aspectos físicos, sociais, mentais e morais e os alunos devem receber tratamentos especiais e individualizados. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN^s), no volume dos temas transversais que se refere à orientação sexual, a transformação do papel psicossocial do adolescente na sociedade deve ser considerada nas diversas instâncias do convívio escolar como um elemento contextual da educação para a saúde do adolescente.

As famílias têm papel fundamental na educação dos filhos, segundo Egypto (2003, p. 15):

[...] os modelos de sexualidade e as formas de ser homem e de ser mulher aprende-se na relação com os pais, desde pequeno. É na primeira infância que se moldam esses modelos. O convívio social vai sempre reforçando ou modificando essa perspectiva e essa estrutura que a gente adquiriu muito cedo [...]

Em função do conjunto de transformações que ocorrem na adolescência, considerada de grande vulnerabilidade para a saúde tanto física como mental do sujeito, é relevante para os adolescentes terem à sua volta um ambiente familiar, social e institucional de apoio para o atendimento das suas necessidades físicas, psicológicas e cognitivas.

Quando a atividade sexual está mal direcionada e poderá resultar numa gravidez sem o devido preparo, podendo gerar consequências tardias e à longo prazo, tanto para a adolescente como para o filho e a família como um todo é atingida indiretamente. Tal fato poderá gerar problemas na adolescente que poderá apresentar problemas no seu crescimento físico e desenvolvimento emocional e comportamental, influenciando no processo ensino/aprendizagem, além de que poderá apresentar complicações da gravidez e problemas no parto. No entanto, constata-se que existe o desejo de gravidez nas jovens mulheres, que incorporam razões de mudança de vida na construção de uma

nova família pela geração de um filho em consonância com o nível da transformação do ciclo de hormônios, desde a sua menarca, assim no seu mundo interior se constrói uma falsa ideia de liberdade, de independência, dissonante com a realidade.

A paternidade e a maternidade é uma programação no mundo adulto, o casal consciente deve se envolver num planejamento familiar e não tornar a construção da família aleatoriamente, considerando as condições econômicas, emocionais e sociais e saber escolher a época para ter os seus filhos. Em consonância com os fatos constatados, a clínica médica fez a sua parte de descobrir e produzir uma demanda de métodos contraceptivos seguros e práticos, restando aos indivíduos se apropriarem desse conhecimento para o uso consciente e responsável desse produto.

Na adolescência os impulsos e desejos sexuais se revelam mais envolvente, uma fase de descobertas do prazer sexual genital, a escolha de parceiros sexuais, um momento em que a responsabilidade dos atos ainda não está consolidada, assim cabe à escola, aos pais, aos professores, aos irmãos e as igrejas a ajudarem na conscientização para o uso consciente da sexualidade, dos meios contraceptivos e da sua importância para a integridade da vida, dos parceiros, da família e comunidade.

Existe muito a se discutir sobre a história da família, nas comunidades primitivas até a família como núcleo isolado. Igualmente, a sexualidade está intrinsecamente ligada à questão da constituição da família. No contexto em pauta, as pressões sociais tradicionalistas e a moral unívoca são barreiras criadas socialmente para se obter controle sobre a população, no sentido de reprimir a humanidade sem levar a um pensamento consciente e responsável, assim se comprova um momento de carência afetiva entre as pessoas e nos relacionamentos, de forma que atinge o contexto social e familiar. No presente século XXI, o amor que é oferecido está ligado à promiscuidade e a pornografia, então é o preço da libertinagem.

A responsabilidade da escola e das famílias cresce na presente conjuntura, observando-se as possibilidades de uma educação dialógica, todavia no momento a família se distancia dos filhos, dificultando a confiança entre as partes envolvidas e chega-se a adolescentes problemáticos, com anseios de mudanças de família, porém as opções e atitudes tomadas ao longo

de seus desafios se projetam no campo de sua própria sexualidade, rumam ao crescimento dos índices de gravidez precoce, que desestruturam a vida anterior e refletindo na vida após a gestação.

A pesquisa foi desenvolvida na forma de pesquisa analítica tendo a aplicação de questionários como instrumento de coleta de dados, elaborado no formato de entrevista semi-estruturada, o universo da pesquisa foram adolescentes da idade entre 12 e 15 anos, que frequentavam o espaço escolar da Rede Pública de Ensino Fundamental, nos anos finais do ensino fundamental, no Município de Santa Helena – PB, objetivando conhecer os aspectos que influenciam as adolescentes para uma gravidez precoce, através da observação do comportamento social da população em questão à luz dos teóricos Egypto (2003), TIBA (1985), VITIELLO (1988) PIAGET (1977), FREUD (1958), DIAS (2000).

Entende-se o conceito de gravidez na adolescência como um evento conceitual que acontece na faixa etária entre 10 e 18 anos incompletos e os fatores determinantes e condicionantes da gravidez precoce, é destacada a multicausalidade, o descuido na área sexual, o uso incorreto dos métodos contraceptivos, a promiscuidade e o acesso às informações de forma inadequada.

Constatou-se que a gravidez na adolescência decorre, principalmente, do não uso de métodos contraceptivos e, em menor porcentagem, da utilização inadequada desses métodos. Nessas circunstâncias, as ações de prevenção assumem papel de suma importância, devendo incluir não apenas a oferta de preservativos femininos e masculinos e os demais métodos anticoncepcionais, mas também a garantia de espaço para que o adolescente possa falar de si próprio, trocar experiência e receber informações que favoreçam a adoção de hábitos saudáveis de vida.

No primeiro capítulo aborda-se as fases da adolescência em seus processos físicos e psicológicos. No segundo capítulo será tratado os interferentes da sexualidade no período da adolescência. No terceiro capítulo será indicado o papel da escola na orientação sexual dos adolescentes e a interferência da orientação nas respectivas vivências educacionais da escola, família e indivíduo será objeto de estudo de relato do quarto capítulo. Considera-se que, ao final desta experiência de estudo, os adolescentes tem

a decisão quanto ao início da atividade sexual, mas esta decisão deve ser apoiada e assessorada pelos adultos, preferencialmente pelos pais e professores, pois este desafio de vida vai nortear o futuro de cada dia de suas vidas baseadas numa experiência pautada na consciência de sua e autoconhecimento.

2. A ADOLESCÊNCIA: Mudanças físicas e psicológicas

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define adolescência como uma etapa que vai dos 10 aos 19 anos e o Estatuto da Criança e Adolescência (ECA) a conceitua como a faixa etária de 12 a 18 anos. É uma fase de transição entre a fase de criança e a adulta, sendo um período de transformação profunda no corpo, na mente e na forma de relacionamento social do indivíduo.

A adolescência, caracterizada como a fase do processo de desenvolvimento marcada pelo desligamento do sujeito e seus pais. O desenvolvimento é um processo iniciado no nascimento e se estende até velhice, na escala a adolescência é um período de grandes transformações biológicas, psicológicas e sociais (Aberastury *et al.*, 1988). Durante a adolescência, o sujeito alcança o pensamento abstrato, que permite ao indivíduo raciocinar em termos hipotéticos e não somente através do uso de objetos concretos, ou seja, permite ao ser prever as consequências futuras das atitudes do presente (PIAGET, 1972 & 1977). Muitos jovens tardam a atingir a maturidade intelectual e a chegar ao raciocínio formal, assim dificultando a consolidação de sua identidade.

Atualmente, a adolescência em países capitalistas tem se prolongado, devido aos progressos tecnológicos, ao tempo que o jovem precisa ficar na escola, que ampliam cada vez mais o tempo entre o começo da vida escolar e o acesso final do jovem ao mercado de trabalho. O mercado de trabalho exige maior qualificação do sujeito, portanto a autonomia financeira, emocional e intelectual demora demais a se introjetar no sujeito. Portanto, a adolescência deixou de ser uma fase transitória na construção da identidade do ser humano, para ser a fase final, assim o objetivo fundamental da adolescência é a

consolidação da identidade do sujeito com características de maturidade e autonomia.

2.1 CONHECENDO A ADOLESCÊNCIA NO MUNDO E BRASIL

O aiatolá Khomeini líder espiritual do Irã, nação de religião muçulmana, escreveu alguns livros sobre filosofia de vida, baseados no Alcorão, o livro sagrado do islamismo. Neles são encontradas as normas para o comportamento sexual dos seus seguidores (Histórias e Estórias, 1980).

Alguns exemplos lá encontrados:

“É proibido casar com a mãe, com a irmã ou com a sogra”. É aconselhável ter pressa de casar uma filha púbere. Um dos motivos de regozijo do homem está em que sua filha não tenha as primeiras regras na casa paterna e sim na casa do marido. (BOOK, 2000, p.146)

Vitiello (2000, p. 24) esclarece que na idade escolar a criança desenvolve os jogos sexuais, que são as demonstrações de brincadeiras como a exploração do próprio corpo e do outros e as sensações proporcionadas a si e ao outro. O autor afirma que os jogos sexuais envolvem o corpo como um todo, mas a preocupação das instituições responsáveis pela educação da criança, isto é a família e a escola, que estão centradas nas discussões sobre as manifestações genitais da sexualidade, por isso as atividades diretamente relacionadas aos órgãos genitais são alvo de preocupação e repressão.

Durante seu processo educacional, a criança tem reforçada a ideia de que esses órgãos não merecem valorização, nem respeito. (2000, p.35). A criança aprende, assim, que assuntos relacionados aos prazeres e ao conhecimento do corpo não podem ser discutidos com os adultos e o esconderijo se torna o melhor caminho, então a sexualidade passa a ser encarada com algo feio e pecaminoso e deve ser encarado escondido. Desta forma as práticas sexuais se tornam, nas concepções de cada indivíduo, como algo inerente aos grupos da sociedade em que não se seguem as regras do convívio geral e pode ser motivo de preconceito e discriminação.

A Gravidez na adolescência é tema do relatório anual do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) no ano de 2013, colocando a Situação da População Mundial em xeque, com um resultado em que todos os dias, nos países em desenvolvimento, 20 mil meninas com menos de 18 anos dão à luz e 200 morrem em decorrência de complicações da gravidez ou parto. Em todo o mundo, 7,3 milhões de adolescentes se tornam mães a cada ano, das quais 2 milhões são menores de 15 anos – número que podem aumentar para 3 milhões até 2030, se a tendência atual for mantida. A gravidez indesejada na adolescência traz consequências complexas para a saúde, educação, emprego e direitos de milhões de meninas em todo o mundo, e pode se tornar um obstáculo ao desenvolvimento de seu pleno potencial.

De acordo com dados oficiais do Ministério da Saúde: 26,8% da população sexualmente ativa (15-64 anos) iniciou sua vida sexual antes dos 15 anos no Brasil. Cerca de 19,3% das crianças nascidas vivas em 2010 no Brasil são filhos e filhas de mulheres de 19 anos ou menos; Em 2009, 2,8% das adolescentes de 12 a 17 anos possuíam 1 filho ou mais; Em 2010, 12% das adolescentes de 15 a 19 anos possuíam pelo menos um filho (em 2000, o índice para essa faixa etária era de 15%).

Segundo Ariès & Duby (1995, p. 283):

O controle da sexualidade, um dos símbolos mais simples e íntimos que existem, torna-se também um dos mais poderosos para traduzir, sob a forma que será finalmente a da Alta Idade Média, velho ideal de uma vida privada que esteja sempre sujeita às injunções públicas da comunidade religiosa.

A taxa de natalidade em adolescentes no Brasil pode ser considerada alta, dadas as características do contexto de desenvolvimento tais como: brasileiro, sendo observado um viés de renda, raça/cor e escolaridade significativo na prevalência desse tipo de gravidez, são adolescentes a margem da sociedade, muitas vezes excluídas socialmente como :pobres, negras ou indígenas e com menor nível de escolaridade, portanto elas tendem a engravidar mais que outras adolescentes.

Vitiello (1988) se posiciona sobre às manifestações sexuais das crianças e adolescentes, quando a escola e a família reprimem e reprimem os jogos

sexuais praticados pelas crianças, conseqüentemente impelem o individuo adulto a apresentar sentimentos de culpa e de desmoralização sexual ou ainda a apelação aos desejos sexuais, mesmo sem a compreensão do seu real significado. Entretanto, o desenvolvimento da sexualidade não é visto, é invisível para a sociedade, para a escola e para a família e o olhar dos educadores não está voltado para as fases de desenvolvimento psicosssexual, ficando uma lacuna significativa no processo educacional nesse nível.

Entende-se que os jogos sexuais são relevantes para o processo de desenvolvimento, pois atuam como facilitadores da exploração do meio ambiente e das trocas de sentimentos entre as crianças, como facilitadores no manejo dos conflitos e ansiedades, dando parâmetros para que o sujeito se conheça e conheça os limites do próprio corpo.

O enamoramento é um processo no qual a outra pessoa, aquela que encontramos e que nos correspondeu, se nos impõe como o objeto pleno do desejo. Esse acontecimento nos impõe a reorganização de tudo, e esse fato obriga-nos a repensar tudo, especialmente o nosso passado. Na realidade, não é um repensar, mas um refazer. É, com efeito, um renascimento. O estado nascente (do enamoramento ou dos movimentos sociais) tem a extraordinária propriedade de refazer o passado. Na vida cotidiana, não podemos refazer o passado. Nosso passado existe com suas desilusões, suas recordações, suas amarguras. (BOCK, 2000, p. 200)

Os pares, na adolescência, formam-se e separam-se com rapidez, é um período em que surgem muitas dúvidas em relação a comportamentos e sentimentos e sobre a orientação sexual, ficando o adolescente sem ter com quem conversar para minimizar o seu nível de ansiedade e sanar as suas dúvidas.

2.2 AS FASES DO DESENVOLVIMENTO PSICOSSEXUAL NA PERSPECTIVA FREUDIANA

No pensamento freudiano, a busca da identidade adulta está intrinsecamente relacionada ao amadurecimento sexual e a identidade sexual. O instinto sexual até a chegada da puberdade é predominantemente auto erótico. Com o desenvolvimento físico, este passa a ter um objeto sexual de satisfação externo a si.

Freud relata que:

Com o advento da puberdade começam as transformações que conduzirão a vida sexual infantil para a definitiva constituição normal. O instinto sexual, até então predominantemente autoerótico, encontra por fim seu objeto sexual. (1958a, p. 87)

O desejo sexual na puberdade e adolescência é intenso e o jovem tem muita curiosidade em experimentar e comprovar o funcionamento de seus órgãos genitais. Por outro lado, o grupo, com o qual ele se identifica e se sente amparado, muitas vezes chega a pressioná-lo a iniciar as suas atividades sexuais, muitas vezes sem as devidas precauções.

No amadurecimento sexual do adolescente, inicialmente a atividade é masturbatória, geralmente na puberdade e no início da adolescência, se relaciona ao autoconhecimento corporal e o prazer se dá com o próprio corpo. Posteriormente se inicia o exercício genital, quando no começo é exploratório e preparatório para a verdadeira genitalidade procriativa, que só acontece com a correspondente capacidade de assumir o papel parental na vida adulta.

Segundo Freud (1958c), o recém-nascido inicia o desenvolvimento da sua sexualidade desde o nascimento e esta vai se desenvolvendo a medida que o sujeito vai saindo de uma fase para outra. Assim, as sensações sexuais acompanham o seu desenvolvimento desde o período de amamentação e prossegue para a época infantil. Os atos de chupar, morder, reter e eliminar o conteúdo fecal e a manipulação dos órgãos genitais é tudo carregado de sensações eróticas (Langer, 1981).

Com a chegada da puberdade, acompanhando o desenvolvimento físico, psicomotor, cognitivo e sócio emocional, o ser humano se torna apto a efetivamente capaz de concretizar a sua sexualidade plena, através do ato sexual genital, que o permite tanto para obter o prazer erótico como para procriar. O surgimento do interesse sexual é concomitante ao surgimento dos caracteres sexuais secundários, que é influenciado pelas profundas alterações hormonais que ocorrem nesse período da vida e pelo contexto psicossocial o sujeito passa a exercitar a sua sexualidade plena.

O prazer resultante do ato sexual diferencia o homem do restante dos animais, pois ele é o único ser que, objetivamente, pode ter relação sexual só

pelo prazer e não apenas com finalidade reprodutiva (LEVIN, 1969; DOLTO, 1977). Sob tal ponto de vista os adolescentes, teoricamente, iniciam seus relacionamentos sexuais por prazer, porém a incoerência cognitiva dada entre atos e consequências pode afetar a discrepância entre prazer e reprodução humana, assim sem uma orientação adequada surge a concepção numa idade precoce, sem que o indivíduo tenha maturidade para a responsabilização da maternidade e da paternidade.

A prática sexual dissociada da procriação nunca foi demonstrada convincentemente em animais estudados em condições naturais (BERTOLOTE, 1981). A humanidade se une em acasalamento por outros motivos e função que não a procriação, em alguns países e continentes a expansão populacional é ser controlada, evidenciando que a concepção não é a finalidade única dos relacionamentos, estes adquirem o perfil de parceria, a mutualidade de vivências, de convergências e de opiniões.

No século atual, houve uma aceleração do crescimento físico dos adolescentes, devido à melhoria das condições nutricionais, ambientais e de assistência à saúde da população, a idade da menarca está diminuindo. Há cem anos, nos EUA, a idade mediana da menarca era de 16 anos e meio (RAUH et al., 1973). Através de dados de 1989, no Brasil, em Ribeirão Preto, a menarca aparece aproximadamente aos 12 anos e sete meses (FUZII, 1989).

A maturidade biológica, portanto, tem ocorrido mais cedo, porém existem os outros aspectos de desenvolvimento envolvidos, a exemplo da maturidade sócio emocional que ocorre mais tarde. As adolescentes estão prontas biologicamente e no aspecto externo e estético para a intimidade sexual, aos doze anos, mas não psicologicamente, socialmente e nem mesmo organicamente.

Sobre os índices de gravidez na adolescência, através de dados coletadas pelo IBGE, no Brasil:

Os dados também revelam índices altos de gravidez na adolescência, uma vez que, entre as jovens de 15 a 17 anos, a proporção de mulheres com, pelo menos, um filho é de 7,3% no país. Na região metropolitana do Rio de Janeiro, esse índice chega a 4,6% e na região metropolitana de Fortaleza, 9,3%. Na comparação com as pesquisas anteriores, Maranhão, Ceará e Paraíba continuam apresentando altas proporções de jovens adolescentes com filhos. (IBGE - A Síntese de Indicadores Sociais, 2002).

Em decorrência da maturação biológica, atualmente, há um aumento significativo da atividade sexual genital na adolescência, principalmente em idades bem precoces, muitas vezes ainda na puberdade, tal constatação leva ao fato de um índice crescente de gravidez e de doenças sexualmente transmissíveis nessa fase de desenvolvimento, como se observa nos dados coletados, a Paraíba está entre os Estados brasileiros que têm um alto índice de adolescentes com filhos, se tornando um alerta para que se realize um trabalho com compromisso frente à gravidez precoce.

Os fatores biológicos, como o início da puberdade até a menarca, dão impulso à atividade sexual, ao capacitarem o ser humano ao exercício genital, porém sem a maturação necessária para uma procriação sadia, de tal forma que os aspectos psicológicos e afetivos estão profundamente relacionados ao início da atividade sexual, a iniciação sexual faz parte da busca de identidade na adolescência. À medida que os adolescentes procuram seus parceiros, gradativamente vão amadurecendo e ampliando a capacidade de discernir individualmente entre as opções de métodos contraceptivos ou encarar a maternidade/paternidade com responsabilidade financeira, emocional e educacional. Tal maturação não pode ser somente no elo biológico, oportuniza o desenvolvimento emocional, cognitivo e psicológico do ser humano numa interrelação dos sistemas intrínsecos ao indivíduo.

As diferenças eram significativas entre os adolescentes de 15 a 17 anos (faixa correspondente ao ensino médio): 97,5% dos mais ricos estavam na escola, porém, entre aqueles de famílias mais pobres, a taxa era de 73,4%. No entanto, em quase uma década, houve, em geral, no Brasil, um aumento significativo de adolescentes nessa faixa etária que só estudam: em 1992, eram 38,9% nessa situação, e em 2001, 59%. Os indicadores apontam para uma redução drástica daqueles que só trabalham (de 24,7% para 8,2%, no período) e um crescimento (de 20,8% para 22,1%) dos que conjugam trabalho e estudo.

O processo de adolescência e de amadurecimento do ser humano tem características próprias, nesta fase a capacidade de procriar, que, por vezes, é determinada pelo impulso e o início da atividade sexual pelos púberes até

então despreparados no contexto psicológico para as consequências destas atividades acabam por estar á beira de um precipício, juntamente com a sua família.

3 A SEXUALIDADE E A ADOLESCENCIA

3.1 DISCUTINDO CONCEITOS

A sexualidade é um aspecto de relevância no ser humano e está presente desde o nascimento, então os impulsos e manifestações sexuais podem ser constatados através da observação de fetos, bebês e crianças. Imagens ultrassonográficas de grávidas, a partir da décima-sétima semana de gestação, já mostram ereção peniana nos meninos (Calderone, 1985) e as meninas desde o nascimento apresentam lubrificação vaginal, porém a sexualidade genital se faz presente na adolescência, isto são apenas características biológicas do ser humano.

No período de vida que corresponde á infância, os atos não são realizados conscientemente e as tomadas de decisões são leves, as crianças são representações de sua família, posteriormente vem o período da adolescência que se caracteriza pelo surgimento das pressões do mundo adulto, com as tomadas de decisões e cobranças de responsabilidades com comportamento social e familiar adequados.

Entre 12 e 15 anos, a fase de adolescência se consolida com características do ápice da maturidade física, então ocorre o desenvolvimento dos caracteres sexuais primários e secundários, então os órgãos sexuais passam a estar preparados para a procriação. Nessa fase, o indivíduo encontra a sua identidade sexual, revela-se a posição das formas de expressões de cada individuo no grupo social ao qual pertence, com suas expectativas, negações e exigências culturalmente aceitas.

A conceituação sobre esse período da vida com suas devidas conceituações é um fato recente e somente no século XX a adolescência passou a ser privilegiada. A necessidade de se definir a adolescência surgiu em função da conscientização das particularidades que distinguem os adolescentes das crianças e dos adultos.

Até o século XII, a arte medieval representava as crianças como miniaturas dos adultos, no século XIII, o sentimento da infância parece ter sido descoberto, pois a sua evolução pode ser acompanhada na arte e na iconografia religiosa. A separação entre a infância e a adolescência surgiu somente no século XIX.

A história da infância e da adolescência está, portanto, intimamente relacionada à história da burguesia, quando os burgueses acumularam recursos econômicos suficientes para prescindir do trabalho dos filhos, proporcionavam-lhes uma melhor educação e proteção, então este marco contribuiu para o surgimento da adolescência como uma fase distinta da infância e da idade adulta. O conceito de adolescência se configura melhor na população urbana do que na rural, sendo mais bem caracterizada quanto maior for o privilégio da classe social a que pertence, tais questões estão relacionadas à cultura na qual o sujeito está inserido.

O surgimento da adolescência no século XIX era um privilégio apenas do sexo masculino, pois estes sujeitos tinham direito à escolarização, pois era exclusiva para os homens, conseqüentemente as mulheres eram excluídas do processo da adolescência e escolarização, para elas, a infância era de curta duração e a adolescência, inexistente. Após a menarca, relativamente aos dez anos, às meninas eram definidas socialmente como "mulherzinhas" e recebiam uma educação que as treinavam a se comportar desde cedo como adultas e para se casarem, faziam exercícios de mãe de família, desde as brincadeiras infantis, era-lhe passado o papel de governar a casa e se casavam aos doze e treze anos, papel que era definido para as mulheres socialmente aceitas, a dona de casa.

No início do século XX a adolescência continuou para a mulher ser de curta duração, logo elas entravam na idade adulta e cedo se casavam. À medida que o período da adolescência foi se prolongando, os jovens foram ficando numa situação difícil, pois foi aumentando também a defasagem existente entre os diversos aspectos de seu desenvolvimento (Marcondes, 1979). Na fase da adolescência são frequentadores dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio da educação básica, fase que tem a duração de sete anos e o desenvolvimento social ocorre por etapas, abrangendo todas as classes sociais.

A adolescência, apesar de ser um período da vida cuja duração é variável e está condicionada sócio culturalmente ao espaço em que o sujeito vive e o estrato social a que se pertence, é um fenômeno universal. Mesmo nos séculos passados, sempre existiu e existe o fenômeno biológico da puberdade, que promove mudanças corporais e psicológicas nos seres humanos, em todas as culturas e estratos sociais. Portanto, existe a universalidade do fenômeno bio-psico da adolescência. No âmbito social varia de uma cultura a outra.

Acompanhando ainda os pesquisadores da Universidade de Roma, podemos dizer que a evolução do indivíduo na nossa cultura dá-se através de uma série de fases: a pré-natal, a do neonato (a criança assim que nasce), a infância, a pré-adolescência, a adolescência, a adulta e, por fim, a velhice. Mas seria possível atribuir essas fases a outras civilizações? Para ficar somente com um exemplo, citaremos o estudo realizado pelo etnólogo Bronislaw Malinowski (1884-1942), acerca da cultura dos nativos trobriandeses, que vivem em ilhas do noroeste da Nova Guiné na Oceania: No caso dos jovens trobriandeses, a puberdade começa antes que na nossa sociedade, mas, nessa fase, as meninas e os meninos trobriandeses já iniciaram sua atividade sexual. Não há, como em outras culturas primitivas, um determinado rito de passagem para a fase adulta. Apenas, gradualmente, o rapaz vai participando cada vez mais das atividades econômicas da tribo e até o final de sua puberdade será um membro pleno da tribo, pronto para casar-se, cumprir as obrigações e desfrutar dos privilégios de um adulto. (BOCK, 2000, p. 293)

A decisão de iniciar ou não vida sexual se torna uma questão de grande ansiedade e angústia para os adolescentes e depende significativamente da cultura do indivíduo. O dilema entre iniciar ou não a vida sexual sofre várias influências, como o modismo do grupo, as relações sociais e a pressão social. A capacidade de atrair o outro, de desejar e ser desejado, atualmente é exercitada a todo instante no “ficar” e no namoro dos adolescentes, assim a idade para os jovens iniciarem a vida sexual varia de uma sociedade para outra.

Costa (1986) faz referências de que nas sociedades e culturas em que o sexo não se destina apenas para a reprodução, geralmente a iniciação sexual genital começa na adolescência, de modo que os jovens chegam ao casamento com razoável experiência e autoconhecimento na área. Em alguns grupos africanos, como os *ngonis*, se a garota não tiver um amante após a

puberdade, sua avó chamará um rapaz para que tenha relações sexuais a fim de verificar se está tudo bem com ela e para saber de sua “eficiência”. Os *cewas* acreditam que uma menina pode morrer se não tiver uma relação sexual antes da primeira menstruação.

A maioria das sociedades na Índia e na região do Sudeste Asiático permite o sexo pré-conjugal; apenas nove sociedades insistem na virgindade da noiva até o casamento. Os *yakuts* demonstram interesse na virgindade das mulheres, pois exigem que usem o cinto de castidade, que é retirado só após o casamento.

Na Oceania, o sexo antes do casamento é permitido e até mesmo incentivado, com aquisição de experiências positivas para ambos os sexos. Nas Américas, os *kubeos* desenvolveram rituais para a iniciação sexual de ambos os sexos, que na nossa sociedade seriam vistos com repulsa e condenação. O menino, quando atingia a idade do ritual de iniciação, deveria ter relações sexuais com a própria mãe na presença do pai; por sua vez, a menina era deflorada aos oito anos por um velho impotente, que, para isso, utilizava os dedos, gradativamente dilatando a abertura vaginal até que pudesse introduzir três dedos, com o que a menina era considerada mulher.

Para Costa (1986), na Europa e nos países de herança judaico-cristã, a virgindade feminina é ponto decisivo para o casamento e a iniciação sexual se dá após o casamento. A virgindade masculina geralmente é motivo de vergonha, pois os papéis nessas sociedades são bem distintos e definidos, uma sociedade machista na qual os direitos do homem sobrepõem os das mulheres.

Na sociedade ocidental, a passagem da infância para a idade adulta é tumultuada porque não existem limites claros e definidos de quando se alcança o "status" de adulto, na ausência desse parâmetro o jovem se torna confuso e inseguro sobre si. No Brasil, pode-se votar aos dezesseis anos, mas só se pode ter habilitação para dirigir carros aos dezoito e só se atinge a maioridade civil aos vinte e um anos, igualmente com relação à maioridade penal é um assunto polêmico na atualidade. Não existem ritos de passagem que indiquem quando indivíduo se torna homem ou mulher adultos, não há uma idade ou época estabelecida para se começar a namorar, ter intimidade ou iniciar as atividades sexuais.

Na realidade brasileira, o adiamento do exercício do trabalho profissional, pela crescente exigência dos estágios probatórios e pelos anos de formação escolar, faz com que a adolescência se prolongue, também no sentido da autonomia financeira torna mais difícil o final dessa fase, devido ao índice significativo de desemprego. A liberação sexual, sem a exigência de casamento prévio adia as responsabilidades da vida conjugal, então ocorre uma falsa liberdade sexual.

Antigamente, a mulher após a menarca era treinada no trabalho de dona de casa e de cuidar dos filhos e do marido, hoje a mulher tem abertura para iniciar sua vida sexual ainda dependendo financeiramente dos pais. Desse modo, os adolescentes masculinos podem ter suas parceiras sexuais sem, contudo arcar com as responsabilidades financeiras, afetivas e outras, contudo o homem superficialmente se poupa de assumir compromissos.

As sociedades asiáticas são exemplo da passagem de criança para adolescente e para adulto sem traumas, naturalmente, sem descontinuidade. Em tais sociedades, a passagem de um *status* para outro é marcada por barreiras bem estruturadas, existindo cerimônias ou rituais que indicam, publicamente, a ocorrência social da mudança. São sociedades que possuem ritos de passagem, que são promotores da redefinição da personalidade do indivíduo.

A sociedade contemporânea de uma forma geral e universal não tem ajudado adequadamente aos jovens a ultrapassar para uma fase de amadurecimento sexual, emocional e psicológico e a preparação para a vida adulta, ao contrário, fornece mensagens dúbias. Assim, a sociedade exalta o erotismo, através de uma aparente permissividade e falsa liberdade, todavia ao mesmo tempo desencoraja, reprime e proíbe o relacionamento sexual entre jovens, então surge à dúvida e a omissão de procurar orientação por insegurança e medo. Os adolescentes são fartados de instrumentos tecnológicos diariamente, com mensagens sexuais, muitas vezes subliminares, através dos diversos meios de comunicação, o que confunde a opinião e a construção do eu adolescente, na realidade não sabem o que é certo ou errado no contexto social quanto a sexualidade.

Na indústria de produção, os itens de consumo envolvendo a sexualidade são ressaltados, destarte através da mídia é tudo muito

contraditório, pois ao mesmo tempo em que condena a atividade sexual antes do casamento, estimula a liberação da sexualidade através do erotismo de propagandas, novelas e outros meios. Fornece mensagens de liberação e estimulação da sexualidade igualmente, é passado um ideal moralista, divorciado da realidade que propaga, deixando o jovem, ainda em formação, sem um parâmetro adequado para ter um posicionamento criterioso sobre o assunto.

Como resultado desse viés duplo sobre o comportamento moral, observa-se no momento atual, uma liberação sexual inconsequente, ou seja, há um aumento da atividade sexual na adolescência provocado pela estimulação exacerbada da sexualidade, sem que a própria sociedade e os indivíduos estejam preparados para assumir as consequências do exercício dessa sexualidade.

A sociedade não oferece aos jovens uma orientação sexual efetiva desde à infância, se camufla a sexualidade na família e na escola, não se promove uma assistência médica com prática anticonceptiva sem falsos moralismos, através de uma equipe interprofissional, eficaz e que produza meios para que os jovens canalizem a sua energia sexual para trabalhos adequados, esportes, artes e outras atividades aceitas socialmente.

4 A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

As sociedades manipulam a sexualidade dos seus cidadãos a fim de regular e controlar a natalidade, sem uma prática educativa efetiva junto as crianças e adolescentes. A sexualidade sem um planejamento adequado de procriação incide diretamente no número de habitantes da sociedade, gerando a necessidade de políticas públicas inerentes ao perfil quantitativo e qualitativo que perpassa primeiramente nas instituições governamentais e não governamentais.

De acordo com dados oficiais do Ministério da Saúde, 26,8% da população sexualmente ativa (15-64 anos) iniciou sua vida sexual antes dos 15 anos, cerca de 19,3% das crianças nascidas vivas em 2010 são filhos e filhas de mulheres de 19 anos ou menos, em 2009, 2,8% das adolescentes de 12 a

17 anos possuíam 1 filho ou mais, em 2010, 12% das adolescentes de 15 a 19 anos possuíam pelo menos um filho, em 2000, o índice para essa faixa etária era de 15%.

A taxa de natalidade de pais adolescentes no Brasil é considerada alta, dadas às características do contexto de desenvolvimento do brasileiro, sendo observado que a renda, a raça/cor da pele e nível de escolaridade são fatores significativos na prevalência desse tipo de gravidez, então a sociedade brasileira contemporânea se depara com esse aumento dramático do índice de meninas que têm tido atividade sexual precoce e conseqüentemente um aumento quantitativo do número de gravidez, o que tem demandado um grande custo social e individual aos adolescentes, às suas famílias e ao mundo no contexto de sustentabilidade.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, (PCNs, 1997), a educação tem como missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomarem consciência das semelhanças e da interdependência dos seres humanos.

Consta nos capítulos referentes à Pluralidade Cultural e Orientação Sexual dos PCN"s, o objetivo da orientação sexual na escola é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer suas sexualidades com prazer e responsabilidade, nessa direção, o educador pode se utilizar de diferentes recursos materiais para tal finalidade, tais como didáticos, científicos, artísticos e outros, analisando e comparando a abordagem dada ao corpo pela ciência e pela propaganda veiculada pela mídia, de acordo com BRASIL (1997, p.133).

Órgãos ou instituições organizados, tais como governos, religiões e sistemas econômicos e, em grau menor, educadores e psicoterapeutas, exercem um controle poderoso e muitas vezes molesto. Tal controle é exercido de maneiras que reforçam de forma muito eficaz aqueles que o exercem e, infelizmente, isto via de regra significa maneiras que são ou imediatamente adversativas para aqueles que sejam controlados ou os exploram a longo prazo. Os que são assim controlados passam a agir. Escapam ao controlador - pondo-se fora de seu alcance, se for uma pessoa; desertando de um governo; apostasiando de uma religião; demitindo-se ou mandriando - ou então atacam a fim de enfraquecer ou destruir o poder controlador, como numa revolução, numa reforma, numa greve ou num protesto estudantil. Em outras palavras, eles se opõem ao controle com contracontrole. (BOCK, 2000, p.57)

Como consta nos PCN^s, o trabalho de orientação sexual na escola é compreendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimentos e de opções para que o aluno possa escolher o seu próprio caminho quanto a sexualidade e escolhas dos seus pares. A orientação sexual não-diretiva proposta será circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual de tipo psicoterapêutico. Tal posicionamento significa que as diferentes temáticas sobre a sexualidade devem ser trabalhadas nos limites da ação pedagógica, sem serem invasivas da intimidade e do comportamento de cada aluno, as diferenças precisam ser respeitadas e os jovens terem a liberdade de guardar o que não quiserem abrir para o orientador e colegas. Apenas aqueles alunos que demandem atenção e intervenção individuais devem ser atendidos separadamente do grupo pelo professor ou orientador na escola ou encaminhados para profissionais especializados. (1997).

A postura da escola discutida nos PCN^s é informar e discutir os tabus, os preconceitos, e as crenças e atitudes comuns na sociedade, procurando, na medida adequada, uma isenção e imparcialidade necessárias a qualquer assunto que é visto e tratado no coletivo, abordando as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela convivência em sociedade, que são apresentadas, mas muitas vezes não discutidas com as crianças e adolescentes.

A orientação sexual na escola são conjuntos de informações, habilidades e competências institucionalmente dispostas para a ação educativa perante a sexualidade e suas manifestações. Esta é uma intervenção subsidiária e orgânica ao processo de subjetivação das escolhas e formação da identidade sexual e personalidade.

A identidade sexual do adolescente e do jovem se configura quando ele percebe seus atos na sociedade, que são integrados com a sua fisiologia e biologia interna formando esse indivíduo com performances duplas. A identidade do organismo com suas peculiaridades abrange todos os aspectos subjetivos do sujeito, da emoção, do caráter e das práticas cotidianas.

As propriedades que fazem do homem um ser particular, que fazem deste animal um ser humano, são um suporte biológico específico, o trabalho e os instrumentos, a linguagem, as relações sociais e uma subjetividade caracterizada pela consciência e identidade, pelos sentimentos e emoções e pelo inconsciente. Com isso, queremos dizer que o humano é determinado por todos esses elementos. Ele é multideterminado. (BOCK, 2000, p. 178)

Muitos educadores dizem que para uma abordagem multiprofissional, requer um conjunto de competências, habilidades e determinações científicas específicas que deveria ser dominado pelo profissional a realizar o trabalho, que este seja devidamente qualificado para a intervenção institucional sobre a sexualidade na escola, principalmente que esteja preparado emocionalmente para não inculcar nos alunos preconceitos e parâmetros que venham dificultar os seus relacionamentos.

Em cada indivíduo, o aspecto histórico deve estar sempre presente. Para compreendermos a expressão de um ser, seus comportamentos e dificuldades, devemos sempre inseri-lo em sua história pessoal, em sua história social. Em cada indivíduo. O aspecto histórico deve estar sempre presente. Para compreendermos a expressão de um ser, seus comportamentos e dificuldades, devemos sempre inseri-lo em sua história pessoal, em sua história social. (BOCK, 2000, p. 187)

Com o aumento do índice de gravidez indesejada, sem a preparação adequada e com o risco de contaminação pelo HIV (vírus da AIDS) entre os adolescentes na década de 1980, cresceu entre os educadores a preocupação em relação ao modo de como abordar nas escolas tais temáticas. No início, acreditava-se que as famílias apresentariam resistência à abordagem de tais questões, porém hoje se sabe que os próprios pais reivindicam a orientação sexual na escola, pois reconhecem a sua importância para a formação das crianças e jovens, minimizando as dificuldades encontradas para abordar o assunto em casa com seus filhos. (ALTMANN, 2001, p. 56).

As manifestações de sexualidade estão presentes em todas as faixas etárias, desse modo: “Ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais observadas pelos profissionais da Escola. Estas práticas se fundamentam na ideia de que o tema deve ser tratado exclusivamente pela família”. (BRASIL, 1997, p.112). Porém a escola também tem sua parcela de responsabilidade na orientação das suas crianças e adolescentes, especialmente no sentido preventivo da gravidez precoce e doenças

sexualmente transmissíveis. Para Altmann (2001, p 64), a educação das crianças é determinada, em grande parte, pelos valores conservadores, liberais ou progressistas da família, bem como pela influência da crença religiosa que a família possui:

A vida afetiva, ou os afetos, abarca muitos estados pertencentes a gama prazer-desprazer, como, por exemplo, a angústia em seus diferentes aspectos - a dor, o luto, a gratidão, a despersonalização - os afetos que sustentam o temor do aniquilamento e a afânise, isto é, o desaparecimento do desejo sexual. Ao procurarmos compreender a vida afetiva, é importante adotarmos a terminologia adequada por tratar-se de uma área de estudo repleta de nuances. Portanto, se até o século 19 usavam-se, indiscriminadamente, termos como emoção e sentimento, hoje, no estudo da vida afetiva, já fazemos uma distinção mais precisa entre esses termos: a emoção: estado agudo e transitório. Exemplo: a ira. O sentimento: estado mais atenuado e durável. Exemplo: a gratidão, a lealdade. (BOCK, 2000,p. 192).

A família é a primeira instituição de educação do indivíduo, é no espaço familiar que as crianças e os jovens recebem as primeiras noções, que contribuirão para a construção da sua sexualidade. O comportamento dos pais, as expressões, gestos, proibições, que são ideias muitas vezes carregadas de preconceitos e tabus, tornam-se referências que são determinantes dos valores associados à sexualidade. Dessa forma, a família realiza educação sexual mesmo que não fale abertamente sobre sexo e sexualidade.

Na atualidade, os jovens têm acesso às muitas informações sobre a sexualidade genital e o universo de informação se torna cada vez mais ampliado, porém sem uma discussão mais efetiva, sem uma orientação sobre consequências, assim a banalização sobrepõe a informação, além disso, as amarras sociais e familiares parecem estar menos rígidas, possibilitando-lhes passarem da teoria à prática no momento escolhido por eles mesmos, sem previsões de consequências e sem prevenção. Nesse contexto o adolescente se torna confuso, entre a diversidade de informações e o que a sociedade impõe, trazendo-os problemas quanto à sua postura sexual e a constituição de sua própria identidade, fazendo persistir as angústias, pois apesar do conhecimento e das “liberdades atuais” os adolescentes ainda não tem maturidade para discernir quanto às suas práticas sexuais.

Uma explicação óbvia vem à tona, os jovens são bombardeados por todos os lados com informações adequadas e inadequadas sobre sexo,

doenças sexualmente transmissíveis, amor, imagens eróticas, comportamentos erotizantes, conduzindo-os a confissões e indecisões sobre as atitudes e o que é permitido ou não dentro do contexto social e familiar, como devem se comportar frente a um relacionamento afetivo e com o grupo no qual está inserido. Essa parece ser a primeira geração de adolescentes que não conta com a orientação de um guia socialmente rígido para a sexualidade, deixando em evidência que sexo não é só uma questão de informações, mas também de maturidade. (VITIELLO, 2000, p. 6). Na sexualidade estão presentes as experiências vividas e trazidas no decorrer da vida do sujeito.

Segundo os PCN^s, sugere na prática da orientação sexual, no currículo da escola todas as questões trazidas pelos alunos, afirmando que “cabe à escola desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa”. (1997, p.112). A escola se depara com situações nas quais precisa intervir como:

[..] seja no cotidiano da sala de aula, quando proíbe ou permite certas manifestações e não outras, seja quando opta por informar os pais sobre manifestações sexuais de seu filho, a escola está sempre transmitindo certos valores, mais ou menos rígidos a depender dos profissionais envolvidos naquele momento.

Muitas escolas, detectando a falta de orientação se pautam em um trabalho voltado apenas para o aspecto biológico do sujeito e deixam de lado os outros aspectos ficando uma lacuna, muitas vezes por medo de inculcar valores nos alunos e que sejam diferentes dos familiares, assim incluem em sua temática e em seus conteúdos o estudo do aparelho reprodutor, no currículo de ciências naturais, com a discussão sobre a reprodução humana, noções de anatomia e fisiologia do corpo humano, deixando a lacuna do autoconhecimento e do conhecimento do outro e o que fazer com esse aparelho reprodutor, se tornando um conhecimento totalmente mecânico e sem direcionamento para aquilo que o adolescente precisa.

A única aptidão inata no homem é a aptidão para a formação de outras aptidões. Essas aptidões se formarão a partir do contato com o mundo dos objetos e com fenômenos da realidade objetiva, resultado da experiência sócio-histórica da humanidade. E o mundo da ciência, da arte, dos instrumentos, da tecnologia, dos conceitos e idéias. Para se apropriar desse mundo, o homem desenvolve atividades que reproduzem os traços essenciais da atividade acumulada e

cristalizada nesses produtos da cultura. São exemplos esclarecedores a aprendizagem do manuseio de instrumentos e a da linguagem. (BOCK, 2000, p. 171).

As atividades em que os indivíduos se integram na escola tem uma correspondência direta com a aprendizagem e com a experimentação fazendo que os processos de interação sejam fatores pertinentes em suas tomadas de decisões.

A promoção da saúde das crianças e dos adolescentes conduz à escola o desenvolvimento de um trabalho sistemático de orientação sexual, o qual possibilita a realização de ações preventivas às doenças sexualmente transmissíveis e também de combate à AIDS, tornando as campanhas públicas mais eficazes.

Para Altmann (2001, p.60), essa abordagem, infelizmente, parece não suprir a curiosidade, nem diminuir a ansiedade que os alunos apresentam com relação à sexualidade, já que apresenta enfoque apenas no corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais correspondentes.

A escola não poderá se omitir dos conteúdos relevantes, em razão do tempo de permanência desses jovens na escola e das oportunidades de aprendizagem naquele espaço, como: trocas de conhecimentos, informações e experiências que são essenciais para o desenvolvimento do convívio social e dos relacionamentos amorosos. Frente a esse contexto, a escola se torna um local privilegiado para a abordagem da prevenção às DST,,s e AIDS.

Os PCN“ s destacam o compromisso de todos os integrantes daquele espaço educativo pela orientação sexual dos seus alunos. O trabalho de orientação sexual contribui para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez precoce: “As informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção desses problemas”. (BRASIL, 1997, p.114). A implantação de orientação sexual nas escolas contribui para o bem-estar das crianças e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura.

5. RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

A abordagem educativa na prevenção da gravidez na adolescência tem intensa relação com as cartas da promoção da saúde, principalmente com a de Ottawa, pela correlação com os cinco campos de ação da promoção da saúde propostos, destacando-se três áreas de maior atuação: a criação de ambientes favoráveis à saúde, os temas de saúde ambiente e desenvolvimento humano, os quais não podem estar separados.

O desenvolvimento humano implica na melhoria da qualidade de vida e saúde, na promoção de um ambiente saudável que se refere em compreender o adolescente como sujeito ativo no seu ambiente físico, social, econômico ou político, nas suas relações nas redes sociais. Trata-se de nova perspectiva acerca da prevenção da gravidez na adolescência, dentro das quatro dimensões: a social, a política, a econômica e do potencial humano. Cumpre identificar as desigualdades sociais em que se encontram esses adolescentes e o acesso à educação, esporte e lazer, às redes de suporte social e a ações promotoras de saúde.

Cória-Sabini (2004) argumenta que o crescimento físico muito rápido e a maturidade corporal podem ser pontos de desafio para o equilíbrio das emoções na adolescência. A aceitação do próprio corpo e a busca do amor acaba por gerar conflitos, podendo levar o adolescente a procurar um novo sentido identitário. Para a autora, o amor geralmente é uma tentativa do adolescente de chegar a uma definição de sua identidade, podendo, dessa forma, projetar-se na pessoa amada, buscando nesta as características que gostaria de possuir e exercitando a relação com outras pessoas.

Na pesquisa realizada no município de Santa Helena – PB, em escolas da rede municipal e estadual de ensino da Educação Básica com aplicação de questionários a 50 alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental, sendo 25 do sexo masculino e 25 do sexo feminino, em idade entre 10 e 17 anos. Na entrevista foram elaboradas questões sobre o conhecimento que os adolescentes acerca da vida sexual, as respostas foram sim a 40 % dos

entrevistados, não a outros 40 %, e os outros 20% dos entrevistados responderam que conheciam mais ou menos sobre o assunto.

Quanto à procedência das informações no rol do cotidiano de suas relações pessoais, foram revelados que os conhecimentos dos adolescentes sobre sexualidade são advindas da família, escola, amigos, programas de TV e significativamente pela internet, 30 % dos entrevistados.

O relacionamento com os amigos é o ponto central das relações que o adolescente estabelece com o outro, especificamente na busca de companheiros da mesma idade, daí foram de 25% das informações adquiridas. A maior parte das atividades de lazer dos adolescentes se resumiu a encontros com os amigos, com os quais têm maior intimidade e a quem procuram para ir a bares, clubes e festas.

A passagem do mundo da criança para o adulto exige um grupo de interação entre pares para se construir novas identificações e estabelecer novos vínculos para dar continuidade à separação dos pais. O grupo de amigos facilita a separação da família, apenas 10% das informações sobre sexualidade são adquiridas, ajudando na transição para o mundo adulto e para o questionamento dos valores dos pais e contribuindo para dar segurança quanto aos valores e ao próprio corpo.

No grupo de amigos as mudanças corporais são semelhantes, há uniformidade de conduta, de roupas, de linguagem, de gostos por músicas e ídolos. O grupo, assim, adquire um caráter normativo, o que dá ao adolescente segurança sobre o que é certo e errado. (NASCIMENTO, 1978).

A escolha da internet como um meio de comunicação de fácil acesso pelos adolescentes de ambos os sexos num total de 30%, foram deixados em evidência o quanto aos meios de comunicação, inclusive a televisão com 15% podem exercer influência e prestar informações aos jovens pesquisados.

A internet, a televisão e as revistas são os meios de comunicação com maior acessibilidade, sem exigência de hora marcada nem de que o adolescente expusesse aos outros suas dúvidas, medos, inseguranças e inexperiências em relação à sexo e sexualidade. Tais meios de consulta e informação são impessoais, acrílicos e não reveladores de segredos íntimos, situação que vem ao encontro dos sentimentos dos envolvidos de vergonha, inadequação e insegurança na adolescência, quando os jovens apresentam a

sensação de ser alguém a parte da sociedade, também de serem inúteis, já que em termos concretos praticamente não produzem renda, não são mais crianças, mas não são adultos. (NASCIMENTO, 1978).

Parece que um computador conectado à internet, independentemente da satisfação quanto aos conteúdos abordados e pesquisados, proporciona nos jovens a sensação de domínio de si e da liberdade de que necessita assim aumenta a sua autoestima, assim será reduzida a insegurança e a inexperiência. Consequentemente, faz os mesmos se sentirem mais seguros, porém não foi possível avaliar coletivamente, já que os adolescentes, apesar de apresentarem padrões de atitudes e posturas, muitas vezes escondem a dificuldade para lidar com os problemas do cotidiano e, sobretudo, com a sexualidade.

Com a “popularização” é fácil o acesso à internet, com o advento da globalização e de grande quantidade de informações, cada vez mais velozes e acessíveis, os jovens imaturos ou sem experiência de vida podem ficar expostos a situações ainda não bem compreendidas. Entre os meios de comunicação de massa, a televisão tem papel de destaque por ser uma tecnologia com entrada franca, para a qual geralmente não há restrições físicas, econômicas, cognitivas ou imaginativas. (POSTMAN, 1999).

Quanto ao desenvolvimento de uma vida sexual ativa, 51% dos jovens do sexo masculino mantêm relações sexuais, dos quais apenas 60% usam ou usaram o preservativo como meio de anticoncepção, os demais não usaram nenhum tipo de proteção, contudo, se dizem conhecedores em 90% do total de entrevistados sobre os riscos que correm e os parceiros numa relação sexual sem prevenção.

Nas adolescentes do sexo feminino, 68 % delas disseram ter vida sexual ativa, destas 70 % usaram preservativos e apenas 30 % usaram outros meios de anticoncepção, contudo todas elas disseram fazer prevenções à gravidez. No sexo feminino, a curiosidade está relacionada à informação, visto que por unanimidade 100 % das entrevistadas se posicionaram em estar cientes quanto aos perigos que estão expostas e os parceiros nas relações sexuais sem uso de preservativos.

O uso da internet sem controle e sem parâmetros eticamente definidos dá a conotação de que no mundo virtual tudo é possível e tudo pode ocorrer,

podem ser transmitidas mensagens não recomendáveis socialmente aos jovens em formação. Nas redes sociais, os jovens aprendem a ver o ser humano como um mero instrumento de uso e de prazer, pois nelas as pessoas são destituídas de uma “identidade”; a mentira e o enganar são práticas comuns nos bate-papos e conversações, podendo ocorrer uma falsa percepção ou supervalorização do outro, no qual o adolescente está conectado e trocando idéias. O outro é percebido apenas pela linguagem e pelo espaço relacional, muitas vezes, não sendo percebido de forma consciente. (VITIELLO, 2000). Numa abrangência de consenso as adolescentes entrevistadas reconheceram a necessidade de uma orientação sexual no espaço escolar, enfatizando o caráter de curiosidade.

No grupo de adolescentes do sexo masculino, apenas 20 dos entrevistados demonstraram interesse na orientação sexual, os demais afirmaram estar conscientes do que faziam e que não precisavam de mais informações, afirmaram que a sexualidade e o sexo são atos para serem praticados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é uma fase de escolhas, que podem ter influência significativa no presente e no futuro de cada indivíduo, seja levando ao pleno desenvolvimento pessoal, social e econômico, seja criando obstáculos à realização destas metas. Decisões voluntárias e conscientes relacionadas ao exercício da sexualidade e à vida reprodutiva são particularmente importantes nessa etapa da vida.

A decisão quanto ao início da atividade sexual deve ser feita pelo jovem, apoiada e assessorada pelos adultos, preferencialmente pelos pais e professores. Transforma-se num grande desafio na vida deles e para a escola. Para a iniciação sexual ser uma experiência enriquecedora e gratificante é importante que o jovem tenha autoconhecimento e consciência da sua decisão.

[...] as palavras adolescência e juventude não têm uma definição precisa. Vários estudiosos dizem que a adolescência é a fase que vem depois da infância e antes da juventude. Chegam a afirmar que a adolescência começa por volta dos doze anos e termina por volta dos dezoito. Já no senso comum, no dia-a-dia das pessoas o termo adolescência é pouco usado. Dá-se preferência ao termo juventude para designar tanto o menino ou a menina após a puberdade quanto o jovem adulto. (BOCK, 2002, p. 292).

A gravidez na adolescência é uma ocorrência preocupante relacionada à sexualidade, pelas implicações da ocorrência, como o aborto provocado, a morbidade e a mortalidade materna. A gravidez ocorrida em adolescentes e jovens sem um planejamento são indesejadas, inúmeros são os casos decorrentes de abusos e violência sexual ou resultam de uniões conjugais precoces, geralmente com homens mais velhos. Ao engravidar, voluntaria ou involuntariamente, essas adolescentes têm seus projetos de vida bloqueados, o que pode contribuir para o abandono da escola e a perpetuação dos ciclos de pobreza, desigualdade e exclusão na sociedade.

A gravidez na adolescência é também um desafio para as políticas públicas na promoção da saúde e traz à tona questões relevantes sobre o problema, no momento em que há o desafio de fornecer aos adolescentes subsídios para viver sua sexualidade de forma plena e com planejamento de anticoncepção ou concepção, no âmbito da promoção da saúde.

A gravidez na adolescência é uma situação de risco psicossocial para os jovens, assim o problema afeta a biografia da juventude e a do sujeito de possibilidade de elaborar um projeto de vida estável. Muitos são os desafios e mudanças próprias da adolescência, podendo os jovens incorrer num comportamento de risco. Esse segmento populacional encontra-se mais exposto à gravidez na adolescência, às doenças sexualmente transmissíveis - DST/AIDS, ao uso de drogas, a acidentes, a dependência química e diferentes formas de violência.

Para romper esse ciclo e assegurar que adolescentes e jovens alcancem seu potencial pleno, então é preciso o investimento em políticas, programas e ações que promovam os direitos, a autonomia e o empoderamento de adolescentes e jovens, em especial as meninas, em relação ao exercício de sua sexualidade e de sua vida reprodutiva, para que possam tomar decisões voluntárias, sem coerção e sem discriminação.

A garantia ao acesso de adolescentes e jovens à informação e linguagem adequadas sobre os seus direitos, incluindo o direito à saúde sexual e reprodutiva, bem como o acesso à educação integral em sexualidade, o envolvimento das famílias, comunidades, serviços e profissionais de saúde na resposta adequada às necessidades e demandas de adolescentes e jovens, incluindo aquelas relacionadas à saúde sexual e reprodutiva.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. ; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- ABERASTURY, A. et al. **Adolescência**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.
- ALVES, R. **Quem não pode transar não pode casar**. Folha de São Paulo, São Paulo, 5 de maio de 1996.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro. Guanabara, 1981.
- BEZZON, Lara Crivelaro (Org.). **Guia Prático de Monografias, Dissertações e Teses**. Elaboração. Ed. Alínea. Campinas, SP. 2009.
- BUCHALLA, Anna Paula. **Eles não conseguem**. In: Veja, agosto de 2000. P. 104-105.
- BOCK, Ana Maria. **A psicologia e as psicologias**. 2000
- CAVALCANTE, R. F. **Adolescência**. In: VITIELLO, N. et al. **Adolescência hoje**. São Paulo, Roca, 1988.
- CHAUÍ, M. **Repressão sexual**. São Paulo, Círculo do Livro, 1990.
- COATES, V. ; CORRÊA, M. M. **Gravidez na adolescência e anticoncepção**. In: SOUZA, R.P. ; MAAKARROUM, M. F. **Manual de adolescência**, Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Pediatria, 1989.
- COSTA, M. **Sexualidade na adolescência**. São Paulo, L&M, 1986. 176p.
- DADOORIAN, D. **A gravidez desejada em adolescentes de classes populares**. Rio de Janeiro, 1994, 101p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro.
- DIAS, Carlos Alberto. PAULO, Leila Salgado. **Educação sexual: A quem dirigir as primeiras informações?** In: Revista Brasileira de Sexualidade Humana: Iglu-Sbrash, 2000. Vol. 11, nº2.
- DUARTE, Ruth Gouvêia. **Sexo, sexualidade e doenças sexualmente transmissíveis**. São Paulo: Moderna, 1995.
- EISENTEIN, E. et al. **Sexualidade na adolescência**. In: ZEKER, I. Adolescente também é gente. São Paulo, Summus, 1985. p. 180-4.
- EGYPTO, Antônio Carlos (org.). **Orientação sexual na escola: Um Projeto apaixonante**. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro, Delta, 1958a. v. 8, p.5-126:Uma teoria sexual.
- FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**, Rio de Janeiro, Delta, v. 14, 1958d: Fim do Complexo de Édipo.
- HENTSCHEL, Heitor. **Sexualidade Humana**. Cap 19.

LANGER, M. **Maternidade e sexo**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1981. p. 17-31: A mulher e seu conflito atual.

MARCONDES, E. **Introdução ao estudo da adolescência**. In: SETIAN, N. et al. *Adolescência*. São Paulo, Sarvier, 1979. p. 1-12.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O projeto Saúde na Escola: textos de apoio**. Brasília: Gráfica Esdeva, 2002.

PIAGET, J. **A teoria de Piaget**. In: MUSSEN, P. **Manual de psicologia da criança desenvolvimento cognitivo I**. São Paulo, EDUSP, 1977. p. 71-115.

Sexualidade através dos Tempos. <http://www.estudodasexualidade.hpg.ig.com.br/histsexualidade.html>. Acesso em 24/04/03.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. PCN: **Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. 3 Ed. Vol. 10. Brasília 2001.

SOARES. José Luiz. **Biologia: Funções vitais, embriologia, genética**. São Paulo: Scipione Autores Editores, 1995.

SOARES. Halia Poliv. **A escola e a orientação sexual**. *Jornal Mundo Jovem*. Porto Alegre, fevereiro de 2000. P.6.

TIBA, I. **Adolescência e sexo: o que mudou?** *Rev. Viver Psicol.*, v.1, n. 9, p. 14-7, 1985.

TOLEDO, R. P. **Sexo e pecado**. *Veja*, ano 29, n. 12, p. 56-62, março de 1996.
VITIELLO, N.; CONCEIÇÃO, I. S. C. **Aconselhamento em planejamento familiar para adolescentes**. In: VITIELLO, N. et al. *Adolescência hoje*. São Paulo, Roca, 1988. p. 161-175.

APENDICE

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

UM ESTUDO SOBRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SANTA HELENA - PB

Pesquisadora: Josefa Cândido de Sousa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Mãe _____ RG:
_____, declaro por meio deste termo, que concordei em ceder a
entrevista de minha filha
_____ na pesquisa

referente ao Projeto: *Um estudo sobre a gravidez na adolescência no município de Santa Helena – PB* sob a responsabilidade da Professora Josefa Cândido de Sousa. Assim poderei consultar a professora a qualquer momento que julgar necessário.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem qualquer incentivo financeiro e com finalidade exclusiva de colaborar com o sucesso deste projeto.

Fui informada do objetivo do estudo e quanto ao uso das informações por mim oferecidas que estão submetidas às normas éticas destinadas ao projeto.

Estou ciente dos termos e aceito por espontaneidade.

Santa Helena – PB, _____ de 2014.

Entrevistada

Pesquisadora

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

UM ESTUDO SOBRE A GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA NO MUNICÍPIO DE SANTA HELENA - PB

Pesquisadora: Josefa Cândido de Sousa

Tema: Sexualidade

Entrevista para adolescentes

Responda as perguntas marcando com X.

Sexo () Masculino () Feminino

1. Você tem idade entre:

() 10 e 12 () 16 e 17

() 13 e 15 () nenhuma acima citada

2. Tem conhecimentos sobre a vida sexual? (

) sim () não () mais ou menos

3. Caso seja sim a sua resposta, identifique através de quais meios
você adquiriu este conhecimento?

() família

() escola

() amigos

() programas de TV

() internet

4. Você já tem vida sexual ativa? (

) sim () não

5. Quais as formas de anticoncepção usadas por você?

() Preservativo

() Anticoncepcional oral

() Outros

() Nenhuma

6. Tem conhecimento dos perigos que você e seu parceiro (a)
correm quando tem uma relação sexual sem nenhuma prevenção?

() sim () não

7. Gostaria de ter uma orientação por pessoas bem informadas da
área da saúde sobre o tema sexualidade?

() sim () não